

“Estudante, calouro, obreiro do campus, líder do grupo de jovens, pastor, professor, pai e mãe... leia, estude e compartilhe este livro.” — MARK DEVER

NÃO PODEMOS NOS CALAR

O anúncio da verdade a uma cultura que redefine sexo, casamento e o próprio significado de certo e errado

**ALBERT
MOHLER**



Não podemos nos calar – O anúncio da verdade a uma cultura que redefine sexo, casamento e o próprio sentido de certo e errado, de R. Albert Mohler Jr © 2018 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *We Cannot Be Silent: Speaking Truth to a Culture Redefining Sex, Marriage, and the Very Meaning of Right and Wrong*. Copyright © 2015 by Fidelitas Corporation, R. Albert Mohler Jr., LLC. Publicado mediante contrato com Thomas Nelson, uma divisão de HarperCollins Christian Publishing, Inc. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Jader Santos
Revisão
Filipe Delage
Márcio Santana
Marcos Leonardo Paixão da Silva
Editoração
Gilson de Oliveira Filho
Capa
Ideia Dois

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

Não podemos nos calar / R. Albert Mohler Jr.;
tradução Jader Santos. – São Paulo : Cultura Cristã, 2018.
160p

Título original: We cannot be silent
ISBN 978-85-7622-762-5

1. Apologética 2. Cosmovisão 3. Sexualidade I. Santos, Jader II. Título

CDU 26

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Não podemos nos calar

O anúncio da verdade a uma cultura que redefine sexo, casamento e o próprio significado de certo e errado

R. Albert Mohler, Jr.

*Dedicado à memória de meus avós,
Montesco Jasper e Carrie English Johnson,
Russell Lester e Dorothy May Mohler,
que tanto me amaram, e sem os quais eu não saberia quem sou.*

“Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos.”

Deuteronômio 4.9

Sumário

Prefácio	9
1 No despertar de uma revolução	13
2 Não começou com casamento homossexual	25
3 Do vício à virtude: como ocorreu o movimento homossexual	37
4 A possibilidade impossível do casamento homossexual	51
5 A revolução transexual	61
6 O fim do casamento	75
7 O que a Bíblia realmente tem a dizer sobre sexo	87
8 Liberdade religiosa e o direito de ser cristão	101
9 A compaixão da verdade: a igreja e o desafio da revolução sexual	113
10 As perguntas difíceis	127
Uma palavra ao leitor	147
Agradecimentos	151
Notas	153

Prefácio

Uma das memórias mais vívidas de minha infância é a de estar ao lado de meu avô olhando a paisagem após um furacão ter passado por nossa cidade. Crescendo na Flórida, sabia que deveria respeitar os grandes temporais, mas não estava preparado para ver o quanto o cenário havia mudado. Consigo lembrar de pensar que havia subestimado a tempestade – um erro que estava determinado a não cometer novamente.

Algo similar está acontecendo com vários cristãos nos Estados Unidos hoje em dia. Olhamos o horizonte à nossa volta e percebemos que nossa cultura foi radicalmente mudada. Nesse caso, a tempestade é uma revolução moral vasta, e essa revolução não está nem perto de sua conclusão. Na verdade, provavelmente não haverá conclusão a essa revolução moral em nosso tempo, ou no de nossos filhos e netos.

Somos agora testemunhas de uma revolução que está aniquilando a moralidade sexual e a definição de casamento que existiu por milhares de anos. Essa é a moralidade e entendimento de casamento que tem sido central a sociedades moldadas por testemunho bíblico e pela influência tanto do judaísmo quanto do cristianismo. Também é importante notar que ao longo da história humana – praticamente em todas as civilizações – casamento tem sido entendido como uma união de um homem com uma mulher. Isso mudou.

Este livro é sobre essa revolução moral, como ela aconteceu e o que ela significa para nós, para nossas igrejas e nossos filhos. É importante traçar a revolução e entender que as controvérsias mais quentes de nossos dias não emergiram do vácuo para as manchetes diárias. Toda revolução tem uma história, e a história dessa revolução é uma que agora conseguimos traçar. Para falar de forma franca, essa revolução não começou com casamentos do mesmo gênero, e não terminará com eles.

A revolução que se concentra em transformar a moralidade sexual e redefinir o casamento teve sucesso mais rapidamente do que seus defensores mais ávidos poderiam imaginar, como eles mesmos admitem agora. Mas essa revolução não poderia ter alcançado tamanha velocidade se o terreno não tivesse sido limpo por acontecimentos que vieram muito antes de casamentos do mesmo gênero. Olharemos para o que veio antes dos casamentos homossexuais e olharemos para o futuro, para aquilo que pode vir posteriormente.

Toda igreja cristã – e todo cristão – encarará grandes decisões nos eventos seguintes a essa tempestade moral. Quando o casamento é redefinido, um universo inteiro de leis, costumes, regras e expectativas mudam também. Palavras como *marido* e *mulher*, *mãe* e *pai*, antes vocabulário comum de toda sociedade, agora são campos de batalha para o conflito moral. Considere como livros de figuras infantis terão de mudar na sequência dessa revolução. Como aqueles que exigem essa revolução deixam claro, não haverá modelo de estrutura familiar normativa depois que ela acontecer.

Mas essa revolução também entrou em nossas igrejas. Alguns estão argumentando que cristãos precisam revisar sua moralidade sexual e a definição de casamento para evitar confrontos custosos e controversos com a cultura em geral. Eles estão corretos?

No capítulo 1, traçaremos a revolução e seu vasto impacto. Como um furacão na tela do radar, essa mudança moral enorme pode ser vista em seu desenvolvimento e em sua trajetória. Não podemos contar essa história sem analisar quão secularizada nossa sociedade se tornou. Acontece que a secularização da cultura é central à mudança moral.

No capítulo 2, analisaremos a chegada do anticoncepcional e do divórcio, e o fato de que poucos cristãos pareciam entender, naquela época, que esses acontecimentos estavam preparando o palco para uma redefinição total de casamento e família. Você não consegue ter uma revolução sexual sem meios contraceptivos fáceis e o chamado divórcio “sem culpa”. No começo de 1970, tanto um quanto o outro estavam amplamente em vigor. Cristãos pareciam pouco se importar com qualquer um deles.

No capítulo 3, o desenvolvimento do movimento homossexual é colocado no contexto dessa revolução moral. Aqueles que defendem a normalização de relacionamentos e comportamentos entre pessoas do mesmo gênero construíram em cima do impulso da revolução sexual, e o fizeram com tremendo sucesso.

O capítulo 4 é uma análise detalhada do casamento homossexual em si. Como é possível que o casamento possa ser redefinido para incluir um homem casado com outro homem ou uma mulher casada com outra mulher? Sabemos que a maioria dos norte-americanos agora afirma o que há somente uma década atrás a vasta maioria rejeitava – a legalização de casamentos homossexuais. O que isso significa? O que *irá* significar?

O capítulo 5 considera a revolução transexual. A longo prazo, a redefinição de sexo e gênero terá consequências ainda mais permanentes que a redefinição

do casamento. Existem limites que a revolução transexual não pode ultrapassar? Nenhuma foi avistada ainda.

O capítulo 6 analisa diretamente o fim do casamento. Qual será o significado do casamento quando praticamente qualquer pessoa possuir o “direito” de casar? O que *pode* significar? Algumas vezes nos dois lados da controvérsia do casamento homossexual concordam que, independentemente do que possa acontecer, casamento nunca mais será o mesmo. De fato, o casamento como uma instituição privilegiada e respeitada – até mesmo como uma expectativa de uma vida adulta normal – está desaparecendo perante nossos olhos.

O capítulo 7 faz uma pergunta direta: o que a Bíblia realmente diz a respeito do sexo? Para cristãos bíblicos, essa é a pergunta mais importante de todas. Analisaremos o entendimento da Bíblia acerca do sexo, gênero, casamento e moralidade. A Bíblia estabelecerá a estrutura para nossa consideração de casamento, identidade e sexualidade. Como veremos, a Bíblia apresenta um entendimento claro de sexo, gênero e casamento como estando entre as maiores dádivas de Deus à humanidade – os quais devem ser honrados da maneira que ele intencionou.

O capítulo 8 analisa os desafios muito urgentes e reais à liberdade religiosa que confrontamos agora. Esses desafios aparecem nas manchetes praticamente toda semana, e a lista de questões indo ao tribunal e legislaturas é longa e vem se tornando cada vez maior. Faculdades e universidades cristãs serão coagidas a violarem as convicções cristãs? Será que as liberdades religiosas de cristãos individuais lhes serão negadas? O que o casamento homossexual significará para sua igreja e a liberdade dela?

O capítulo 9 retrocede para analisar a revolução sexual – até a chegada do casamento homossexual – à luz do evangelho de Jesus Cristo. Para cristãos, o evangelho é nossa estrutura constante de referência. À sua luz, a confusão moral de nossos dias representa uma oportunidade real para o testemunho cristão corajoso. Se temos confiança no evangelho, teremos confiança na compaixão da verdade.

O capítulo 10 é uma consideração de questões urgentes. Um cristão deveria participar de um casamento homossexual? A orientação sexual é uma escolha? Como equilibramos verdade e compaixão? Você permitiria que seu filho brincasse em uma casa com dois pais ou duas mães? Por que nenhum dos antigos credos cristãos definem o casamento? O governo deveria legislar a moralidade? Essas são apenas algumas perguntas que estão nos pressionando no presente tempo. Como devemos responder?

E finalmente, o livro conclui com “Uma palavra ao leitor” escrita em resposta à decisão da Suprema Corte sobre o casamento homossexual.*

Eu me lembro de meu avô e eu olhando um grande barco virado de lado, bem longe do lago. Não precisei perguntar como chegou até lá. O furacão explicou tudo.

* A Suprema Corte dos Estados Unidos legalizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em todo o país no dia 26 de julho de 2015. Desde então, mesmo os 13 estados da federação que ainda proibiam a união passaram a ser obrigados, por 5 votos contra 1, a legalizarem a união civil entre pessoas do mesmo gênero (N. do E.).

12 Não podemos nos calar

Não conseguimos entender nossa era sem analisar honestamente o furacão moral rodopiando pela nossa cultura, deixando pouca coisa intocada, se não radicalmente mudada, em seu rastro. Mas entendimento é apenas um começo. Quando o assunto é casamento e moralidade, cristãos não podem se calar – não porque somos moralmente superiores, mas porque sabemos que Deus possui um plano melhor para a humanidade do que qualquer um que poderíamos elaborar por nós mesmos.

Além disso, não podemos nos calar porque sabemos que Jesus Cristo é Senhor e que veio nos salvar de nossos pecados. Não podemos corretamente falar sobre o evangelho de Jesus Cristo a pessoas se não falarmos corretamente a respeito do pecado e suas consequências.

Como disse, fiquei ao lado de meu avô, determinado a nunca subestimar um furacão novamente. Não ousemos subestimar a escala, escopo e significância dessa revolução moral. E ainda mais urgentemente, não podemos subestimar o evangelho de Jesus Cristo. Este livro foi escrito na esperança de que a igreja será fiel, mesmo em meio à tempestade.

1

No despertar de uma revolução

A profética escritora Flannery O'Connor corretamente nos advertiu, anos atrás, de que precisamos “empurrar com a mesma força com que a época nos empurra”.¹ Este livro é uma tentativa de fazer exatamente isso.

Estamos vivendo no meio de uma revolução. A igreja cristã no Ocidente se depara agora com uma série de desafios que excedem qualquer coisa que ela já experimentou no passado. A revolução que transformou a maioria da Europa Ocidental e muito da América do Norte é uma revolução mais sutil e mais perigosa do que as revoluções encaradas nas gerações passadas. Essa é uma revolução de ideias – uma que está transformando toda a estrutura moral de significado e vida que os seres humanos reconhecem por milênios.

Essa nova revolução apresenta um desafio em particular ao cristianismo, pois um comprometimento com a autoridade das Escrituras e as verdades reveladas entra em conflito direto com o impulso central dessa revolução. Cristãos não estão encarando uma série de questões isoladas que simplesmente nos deixa perplexos e algumas vezes em desacordo com a cultura geral. Ao invés disso, estamos encarando uma redefinição do casamento e uma transformação da família. Estamos encarando uma transformação completa da maneira como os seres humanos se relacionam uns com os outros nos contextos mais íntimos da vida. Estamos encarando nada menos do que uma redefinição abrangente da vida, do amor, da liberdade e do próprio significado de certo e errado.

Essa revolução gigantesca está tomando lugar ao longo do panorama global da cultura, afetando praticamente toda dimensão da vida e demandando aceitação total de suas reivindicações e afirmação de seus objetivos. Cristãos comprometidos com a fidelidade à Bíblia como Palavra de Deus e ao evangelho como a única mensagem de salvação devem encarar esse desafio inevitável.

UMA REVOLUÇÃO ABRANGENTE

O teólogo britânico Theo Hobson argumenta que a escala e escopo desse desafio são sem precedentes. De acordo com críticos do argumento de Hobson, o desafio da revolução sexual e a normalização da homossexualidade não são nada novos ou incomuns. Igrejas sempre demonstraram a habilidade de trilhar seu caminho em questões morais difíceis, e assim o farão novamente com o homossexualismo. Hobson mesmo confessou que concordaria com esse raciocínio anteriormente, mas não mais. Para ele, a questão do homossexualismo apresenta um desafio à igreja que ela nunca experimentou antes.²

Por que esse é um desafio tão grande para o cristianismo? Hobson sugere que o primeiro fator é a característica de tudo ou nada da nova moralidade. Não há meio-termo no engajamento da igreja com o homossexualismo. Ou as igrejas afirmarão a legitimidade de comportamentos e relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou a negarão.

O segundo fator de Hobson é a taxa alta de sucesso da nova moralidade. A normalização do homossexualismo – algo tido como “indescritivelmente imoral” por séculos – ocorreu numa velocidade estrondosa. Ocorreu tão rapidamente que o homossexualismo agora é considerado um estilo de vida legítimo, e digno de proteção legal. Além do mais, como Hobson argumentou, a velocidade do sucesso da nova moralidade “praticamente expulsou a moralidade sexual tradicional do patamar de superioridade moral”.³

Em outras palavras, a revolução sexual na verdade virou a mesa do cristianismo. A igreja cristã há tempos é tida pela cultura em geral como a guardiã do que é correto e justo. Mas agora a situação foi fundamentalmente revertida. A cultura em geral identifica cristãos como estando do lado *errado* da moralidade. Aqueles que cumprem os ensinamentos bíblicos a respeito da sexualidade humana estão agora despojados da posição de superioridade moral. Essa mudança não é simplesmente uma “queda de tabu”. Hobson explica:

A questão da igualdade homossexual toma a forma de uma cruzada moral. Aqueles que querem manter a atitude antiga não são apenas moralistas ultrapassados (como é o caso daqueles que querem manter a atitude antiga quanto ao sexo ilícito ou antes do casamento). Eles são acusados de deficiência moral. O antigo tabu envolvendo essa prática não desaparece, mas “se volta” contra aqueles que buscam defendê-la. Em minha opinião, tamanha reviravolta é sem paralelo na história moral.⁴

A revolução moral é agora tão completa que aqueles que não querem se juntar a ela são tidos como deficientes, intolerantes e nocivos à sociedade. O que era previamente entendido como imoral é agora celebrado como um bem moral. O ensinamento histórico da igreja acerca do homossexualismo – compartilhado pela vasta maioria da cultura até muito recentemente – é agora visto como uma relíquia do passado e uma força repressiva que deve ser erradicada.

Isso explica por que o desafio da revolução moral representa tamanha ameaça à integridade do cristianismo e à sua posição em sociedades modernas. E ainda assim, mesmo que entendamos essa revolução como sendo um movimento novo, suas raízes não são recentes. Na verdade, a igreja tem visto a revolução sexual acontecer ano após ano praticamente por todo o século passado. O que se torna claro agora é que a maioria dos cristãos subestimou amplamente o desafio que a revolução sexual representa.

A FONTE DA REVOLUÇÃO SEXUAL: A SECULARIZAÇÃO DA COSMOVISÃO OCIDENTAL

O contexto histórico dessa revolução é uma grande mudança intelectual que ocorreu em paralelo com a secularização das sociedades ocidentais. A era moderna trouxe muitos benefícios culturais, mas também trouxe mudanças radicais à maneira como os cidadãos das sociedades de hoje em dia pensam, sentem, se relacionam e fazem julgamentos morais. A elevação iluminista da razão à custa da revelação foi seguida por um antissupernaturalismo radical. Ao olhar para a Europa, fica evidente que uma era moderna alienou uma civilização inteira de suas raízes cristãs, bem como de seus compromissos cristãos morais e intelectuais. Por exemplo, nações escandinavas atualmente registram níveis quase imperceptíveis de crença cristã. O mesmo é cada vez mais verdadeiro para a Holanda e a Grã-Bretanha. Sociólogos agora falam abertamente sobre a morte da Grã-Bretanha cristã – e a evidência de um declínio cristão é abundante na maioria da Europa. Esse mesmo declínio cristão já chegou à América.

Em 1983, Carl F. H. Henry descreveu as possibilidades futuras para as sociedades ocidentais:

Se a cultura moderna quiser escapar do adormecimento que engoliu as civilizações humanas anteriores, a recuperação da vontade do Deus que revelou a si mesmo no reino da justiça e da lei é um imperativo crucial. Retornar a equívocos pagãos de governantes divinizados, ou um cosmos divinizado, ou a concepções quase cristãs acerca da lei natural ou justiça natural, resultará em uma desilusão inevitável. Nem todas as súplicas por uma autoridade transcendente verdadeiramente servem a Deus ou ao homem. Ao engrandecer a lei, direitos humanos e bem-estar à soberania, toda sorte de líder terrestre ansiosamente antecipa o papel

do divino e obscurece o Deus vivo revelado nas Escrituras. As alternativas são claras: ou retornamos ao Deus da Bíblia, ou perecemos na cova da desordem.⁵

Infelizmente, o aviso de Henry passou despercebido e o caminho da cultura norte-americana está se tornando cada vez mais secularizado. *Secular* se refere à falta de qualquer vínculo com autoridade ou crença divinas. *Secularização* é um processo sociológico no qual sociedades se tornam menos teístas ao se tornarem mais modernas. Ao terem condições mais profundamente e progressivamente modernas, elas se afastam da força vinculativa da crença religiosa, e da crença teísta em particular.

O filósofo canadense Charles Taylor convincentemente retratou a história da transição da sociedade ocidental ao secularismo. Em seu livro *A Secular Age*, Taylor descreveu a era pré-moderna como um tempo em que *era impossível não crer*. Em outras palavras, não havia alternativas intelectuais para a crença em Deus no ocidente. Não havia uma série de explicações alternativas para o mundo e suas operações ou para a ordem moral. Na era moderna, uma alternativa secular ao teísmo cristão emergiu e se tornou *possível não crer*. Mas durante esse tempo, o teísmo continuava intelectual e culturalmente viável. Porém, como Taylor notou, esses dias ficaram para trás. Em nossa era presente pós-moderna, *é impossível crer*.

Significativamente, Taylor identifica essa descrença como uma falta de comprometimento cognitivo com um Deus autoexistente, autorrevelado. Secularização não diz respeito a rejeitar toda religião. De fato, até mesmo americanos extremamente seculares frequentemente se consideram religiosos ou espirituais. Secularização, de acordo com Taylor, diz respeito à rejeição da crença em um Deus *pessoal*, um que possui e exerce autoridade.⁶

As implicações dessa mudança na cosmovisão são gigantescas. Por exemplo, à luz dessas condições intelectuais atuais, a socióloga Mary Eberstadt notou que “certamente é o caso em amplas áreas do Ocidente hoje em dia que muitas pessoas sofisticadas não creem que a igreja possui *qualquer* autoridade para impor restrições sobre a liberdade individual”.⁷

Isso pode ser verdade, mas a igreja não pode abdicar de sua responsabilidade de dizer a verdade cristã em um século pós-moderno. As condições seculares tornam isso mais desafiador e difícil, até mesmo aparentemente impossível algumas vezes. Nossa cultura está se tornando cada vez mais resistente a um Deus – qualquer deus – que nos dê comandos como “farás” ou “não farás”. O fato de que cristãos participam de qualquer conversa como crentes no Senhor Jesus Cristo dependentes da revelação bíblica significa que a sociedade irá nos rotular como marginais intelectuais – que quebram as regras de engajamento relacional ao apelar a um criador pessoal e uma autoridade divina.

Contudo, dizer a verdade explicitamente é a razão da existência da igreja. Como Pedro escreveu: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). O Deus da Bíblia enviou sua igreja ao mundo para lhes contar a verdade sobre ele mesmo – sobre suas leis e seus mandamentos, sobre sua graça e seu amor, e o mais importante, sobre o evangelho de Jesus Cristo.

A REVOLUÇÃO SEXUAL AMERICANA

Hoje em dia estamos testemunhando nada menos que uma revolução total na moralidade sexual. E uma revolução moral é dramaticamente mais importante do que uma mera mudança moral. Mudanças morais ocorrem à nossa volta e podem regularmente resultar em transições culturais positivas. Por exemplo, como alguém que cresceu na década de 1960, me lembro bem de comediantes representando bêbados na televisão. Mas seria hoje impossível apresentar na mídia Otis, o bêbado benevolente de *The Andy Griffith Show*. Isso se deve à mudança importante no julgamento moral concernente ao álcool e a dirigir embriagado. Uma campanha publicitária bem-sucedida contra dirigir embriagado mudou o que antes era tido como uma pequena negligência para o que agora é propriamente tido como um crime grave. O conseqüente aumento da criminalização e sanção moral contra dirigir embriagado foi o resultado de uma sociedade se deparando com os danos horríveis causados por dirigir bêbado.

Esse tipo de mudança moral ocorre com vários assuntos, mas de uma maneira que pode ser absorvida dentro da trajetória geral de uma cultura. Em outras palavras, uma *mudança moral* geralmente leva um longo período de tempo e ocorre de maneira consistente com os compromissos morais de uma cultura.

Uma *revolução moral* representa exatamente o oposto desse padrão. O que estamos experimentando no presente momento não é um resultado lógico dos ensinamentos cristãos do ocidente sobre a sexualidade humana, mas do repúdio a eles. Essa é uma mudança moral fundamentalmente diferente e representa um desafio que está deixando muitos cristãos confusos e estonteados, alguns bravos e nervosos, e outros fazendo perguntas difíceis sobre como a igreja deve responder nesse tempo de crise.

Tudo isso deve ser visto no contexto maior das mudanças que transformaram a maneira como a maioria das pessoas em sociedades ocidentais *pensam*. A revolução moral faz parte de uma mudança sísmica na cultura ocidental que ocorreu nos últimos dois séculos. Nesse intervalo de tempo, várias mudanças radicais transformaram a maneira como as pessoas em economias industrializadas avançadas vivem, se relacionam umas com as outras e se engajam no mundo em geral. Se isso soa como um exagero, apenas considere o fato de que no começo do século 20 a maioria dos americanos vivia em um contexto rural como